

200

VASCO DE MENDONÇA ALVES

A
Conspiradora

PEÇA EM QUATRO ACTOS

DEPOSITÁRIA
LIVRARIA **DIDÁCTICA** EDITORA
L I S B O A

VASCO DE MENDONÇA ALVES

ULFLOR 00347



A

CONSPIRADORA

PEÇA EM QUATRO ACTOS

LIVRARIA DIDÁCTICA EDITORA
L I S B O A

PRIMEIRA DISTRIBUIÇÃO

<i>Marquesa de Souto dos Arcos</i>	Lucinda Simões
<i>Condessa de Souto dos Arcos</i>	Zulmira Ramos
<i>Clara</i>	Adélia Pereira
<i>D. Constança, Morgada de Loures</i> ...	Maria Matos
<i>Ana Eduarda</i>	Elvira Basto
<i>Maria Helena</i>	Maria Frazão
<i>Margarida</i>	Alice Teixeira
<i>Mariana, criada</i>	Virginia Farrusca
<i>Conde de Souto dos Arcos</i>	Alves da Cunha
<i>D. José</i>	Mário Duarte
<i>Paulo</i>	Mendonça de Carvalho
<i>P.^o António de Serpa, Capelão</i>	Joaquim Silva
<i>Bernardo, Mordomo</i>	Silvestre Alegirim
<i>Governo</i>	Telmo Larcher
<i>Cónego Raimundo</i>	Cardoso
<i>D. Rafael</i>	Azambuja
<i>Desembargador Sampaio</i>	Palma
<i>D. Jorge</i>	João Lopes
<i>Pedro Romão, Carcereiro</i>	Mário Veloso
<i>Criado</i>	N. N.
<i>Mário</i>	N. N.
<i>Francisco</i>	N. N.

ACTO I

Sala de estilo Luis XV. Duas portas à esquerda; à direita uma janela. Ao fundo um amplo arco que liga esta sala com uma outra mais pequena e em cuja parede do fundo há uma porta. Na primeira sala no segundo plano, à esquerda, um sofá, e à direita no mesmo plano uma mesa redonda tendo em cima um candeeiro. No último plano sobre a esquerda do arco um cravo. Na segunda sala uma mesa de jogo. Ambas as salas bem iluminadas, havendo na primeira lustre e candelabros, tendo a segunda uma luz mais discreta.

Cena I

Ao levantar o pano, na sala do fundo, MORGADA, CONDE DE SOUTO DOS ARCOS e o DESEMBARGADOR jogam o voltarete. CÓNEGO, sentado junto deles, assiste à partida.

CLARA E BERNARDO

CLARA — (*A Bernardo que vem da sala do fundo*).
Bernardo, espera um pouco.

BERNARDO — Está para aqui solitária, a minha menina!

CLARA — Onde foi a minha mãe?

BERNARDO — (*Perturbado*). A sr.^a Marquesa saiu?

CLARA — Escusas fingir-te pasmado; não sabes mentir e olha que não deves lastimar-te por essa razão. Mentir é muito feio!

BERNARDO — (*Risonho*). Bem dizem que os oitenta anos fazem voltar a meninice. Preciso de novo ser educado.

CLARA — Não brinques e responde. Que foi a minha mãe fazer? Tu sabes! Oh se sabes!...

BERNARDO — Não sei...

CLARA — Todos me enganam nesta casa, todos!

BERNARDO — Não é assim, não é!

CLARA — É tal! Os manos quando os interrogo com seriedade respondem-me com evasivas e rindo. Se entro nalguma sala onde estão eles mais

outras pessoas nas tais conversas secretas, mudam imediatamente de assunto e esperam da minha delicadeza que me retire para continuarem a conversa! Mas um dia eu sento-me entre eles e digo: — Já sei que estão a conspirar!

BERNARDO — (*Assustado e olhando para o fundo*).
Menina! Se a ouvem!

CLARA — Não faz mal. São todos pela rainha.

BERNARDO — Sei lá! Sei lá!

CLARA — Sei eu. Até o sr. Paulo, o teu neto...

BERNARDO — O meu neto! Há-de ser toda a vida o meu neto porque de pequenino, quando os pais lhe morreram no Brasil, ficou sem mais ninguém e tive de cuidar eu dele e de alguma coisa que tinha! Hoje é o sr. Doutor, amanhã será um homem notável, que tem inteligência para isso! Chama-me avô de pequeno porque já me conheceu velho; se eu fosse mais novo tinha-me chamado pai. (*Ri*).

CLARA — Não mudes de assunto! Desde que se ocupa dos negócios da nação está para mim de uma toleima! o... o teu menino!

BERNARDO — Não...

CLARA — Repara. Quase que nem me fala. Franze o sobrolho e trata-me bruscamente. Se não fosse tão amiga dele, nem voltava a falar-lhe. Impostor! A Sr.^a Marquesa de Souto dos Arcos então trata esta filha como se ela fosse menina de cinco anos ou seis! Se presume que vou a falar-lhe no caso, logo me interrompe: «Filha, cuida dos teus bordados, vai tocar piano, passeia no jardim...» Pois talvez eu seja a pessoa de mais juízo nesta casa, *tirante* o padre António de Serpa, que esse é padre. (*Bernardo, ri*). Ouve: O meu pai morreu na prisão há quatro anos. A minha mãe levava uma vida bem

triste e reservada. Pois desde que D. Pedro está no Porto, chega a parecer que esqueceu o desgosto. Sai constantemente, recebe visitas, abriu as salas, enfim, transformou os seus hábitos! Foi o Paulo que acompanhou minha mãe?

BERNARDO — Foi, sim menina. Mas... fale baixo e guarde segredo. Não convém que o sr. Cónego e o sr. Desembargador saibam que a S.^a Marquesa saiu.

CLARA — O Cónego não sei, mas o Desembargador é liberal! E tu também!

BERNARDO — E sou!

CLARA — (*Com gravidade*). Também eu. Porque me julgam uma pequena?

BERNARDO — É uma criança, pois se apenas conta dezóito anos!

CLARA — Aos dezassete teve a minha mãe um filho. Se eu tivesse um filho, já me não chamavam criança (*Entram na sala do fundo Maria Helena, Margarida, José e Rafael*).

BERNARDO — (*Rindo*). Oh! Menina!

CLARA — Manda dizer à Mariana que traga aquela cestinha onde eu tenho o linho para fazer fios.

BERNARDO — Sim, menina. (*Sai pela esquerda*).

Cena II

CLARA, MADALENA, MARIA HELENA, MORGADA, MARGARIDA, MARIANA, CONDE, D. JOSÉ, ANTÓNIO, CÓNEGO, RAFAEL e DESEMBARGADOR.

CLARA — (*Correndo para a sala do fundo*). Vamos fazer serão! Vamos?

MARIA HELENA — Pois, sim.

RAFAEL — Bordar?

CLARA — Não. Vamos fazer fios para mandar para o Porto, para os feridos! (*Cónego levanta-se assustado, quer falar e ninguém o atende*).

MARIA HELENA — Bem lembrado!

MARGARIDA — Que boa ideia!

RAFAEL — Eu também ajudo!

CLARA — Vamos!

CÓNEGO — Escutem!

CLARA — Lá vai o sr. Cónego recomendar-nos prudência, como se decidíssemos arriscar a vida. (*Risos*).

MORGADA — Silêncio! O sr. Cónego vai falar!

CONDE — Então, Clara!

CÓNEGO — Margarida, olha que não tornas cá se não acabas com esse risinho alvar. (*Clara, Maria Helena e Margarida fazem esforços por sustar o riso. Silêncio*).

RAFAEL — Eu também disse...

CLARA — Cale-se!

CÓNEGO — Então! (*Silêncio. Vai começar a falar*).

MORGADA — Com esta confusão já perdi uma cartada! Ah! Perdão, sr. Cónego, interrompi-o. (*Mariana entra pela esquerda baixa com um cesto que vai colocar na mesa da direita*).

CLARA — (*À Mariana*). Não é preciso mais nada!

JOSÉ — Então, menima, não deixas falar o sr. Cónego! (*Mariana sai pela esquerda baixa*).

CÓNEGO — A vossa distracção é piedosa...

CLARA — Apoiado! (*Risos*).

CÓNEGO — Mas é subversiva, não lhe parece, sr. Desembargador?

DESEMBARGADOR — Não faz mal! Todos somos discretos!

MORGADA — (*Confusa*). Mas, quem tinha o basto?

CÓNEGO — Qual é a sua opinião, Sr.^a Morgada?

MORGADA — Eu sou pela prudência! Jogue, sr, Desembargador!

CÓNEGO — Ouviram? A prudência é a consolidação da nossa tranquilidade!

MORGADA — (*Jogando*). Muito bem!

CLARA — (*Indo à mesa e batendo com a mão na mesa*). Se todos assim fossem prudentes o Mundo estava parado! O sr. Cónego, como é contrário à Carta, fala assim!

CÓNEGO — Eu? (*Confusão e burburinho*).

MORGADA — (*Clara tira-lhe da mão a carta que vai jogar*). Menina!

CLARA — (*Gesticulando distraidamente com a carta na mão*). O sr. Cónego confessou que o nosso intuito era piedoso. É quanto basta. Vamos!

MORGADA — É demais!

DESEMBARGADOR — Perdeu!

MORGADA — Pudera! Com tanta bulha não se pode atender ao jogo! (*Clara, Maria Helena, Margarida, Rafael e José dirigem-se para a mesa. Madalena e António entram pelo fundo*).

CLARA — Madalena, vem ajudar-nos?

MADALENA — Que vão fazer?

MARIA HELENA — Fios para mandar para o Porto.

MADALENA — Se por momentos esquecêssemos a política?

ANTÓNIO — Fazer bem, lembrarmo-nos dos que sofrem é uma obra de caridade que não pode repugnar ao seu coração.

CLARA — Muito bem, sr. padre António! Se eu pudesse, já para lá tinha ido para o pé deles, sofrer a fome e o frio que eles sofrem e contar-lhes muitas histórias das que fazem rir!

MARIA HELENA — Também eu, Clara!

RAFAEL — Ai prima, basta a ideia de que podia partir para nos assustar.

MARIA HELENA — Também o sr. D. Rafael é tão dado a sustos!

CLARA — Até de mais. Olhe o meu irmão, por ele, dava-me licença (*Corre a beijá-lo*). Não é assim?

JOSÉ — (*Ri*). Tinha medo. (*Margarida abre o cesto e tira pedaços de linho que espalha pela mesa*).

CLARA — Eu? Está iludido, sr. meu irmão!

ANTÓNIO — (*A Madalena que está perto dele e falando com Clara*). É um anjo!

CLARA — Um anjo... pecador, de mau génio.

ANTÓNIO — Houve santos que se zangaram.

MARIA HELENA — S. Jorge! (*Senta-se à esquerda da mesa*).

ANTÓNIO — Mas zangaram-se com razão.

CLARA — Como eu! (*Clara senta-se à mesa do fundo, segue-se Margarida e depois Rafael. José fica de pé perto de Maria Helena*).

MARGARIDA — Também sabe fazer fios, D. Rafael?

RAFAEL — Até sei bordar a oiro!

CLARA — Se eu tivesse um marido que soubesse bordar a oiro, batia-lhe!

RAFAEL — E se eu casasse com uma mulher que me batesse... adorava-a!

CLARA — O primo é... um boneco! Um homem apañhar pancada da mulher é... ainda é pior do que ser bêbado! (*Muito envergonhada do que disse, leva repentinamente a mão à boca para a tapar e olha arrependida para José e Padre António que sorriem*).

TODOS — Oh! Oh!

JOSÉ — (*Severo*). Clara!

MARGARIDA — (*Batendo em Rafael*). Não seja tão jeitoso!

RAFAEL — (*Fitando o olhar amoroso em Margarida*). Bateu-me no coração!

ANTÓNIO — (*Indo a Madalena que foi sentar-se no primeiro plano à esquerda*). Quer dizer-me em que pensa, sr.^a Condessa?

MADALENA — Não o supõe? Não sabe que o Fernando é perseguido e vigiado. Um dia, sem que o esperemos, prendem-no, e depois... resta sofrer! Já não há remédio. Que me importa que o governe o Sr. D. Miguel ou D. Pedro! É meu marido, quero-o!

RAFAEL — Quem será o ferido que ensopará de sangue estes fios?

CLARA — Decerto que não é o primo que lá não está.

MARGARIDA — Que susto se lá estivesse!

MADALENA — Não nota o entusiasmo com que a Clara se ocupa destes assuntos? Não admira. A minha sogra é a culpada. Anima os menos corajosos e os indiferentes. A Pátria! E a amizade que deve haver entre nós não merece muito superior consideração? Mas o Marquês morreu em S. Julião e ela em vez de proteger os filhos de igual fim, excita-os! Em lugar do receio que eu sentiria, nasceu a vingança!

ANTÓNIO — Não concordo, sr.^a Condessa. Sua sogra pratica um dever de respeito e amor pela memória e ideias do sr. Marquês que Deus haja. Era um liberal; morreu pela causa que defendia. Ela incute nos filhos a paixão pelos princípios que levaram seu marido à morte!

CLARA — Venha ajudar-nos, Madalena!

MADALENA — Não me atraí tanta política!

CÓNEGO — (*Tendo-se aproximado da mesa*). Tem razão, minha senhora!

ANTÓNIO — E a caridade, não a atraí?

JOSÉ — Basta lembrar-se, Madalena, do sofrimento de centenas de vítimas que passam torturas e fome; e de que, para os libertar e garantir a

toda a gente o direito de expressar livremente o seu pensamento e sentir, se arriscam aos perigos da morte uns milhares de homens, portugueses como nós. Abandonaram os confortos do lar, alguns a riqueza; e trocaram a tranquilidade de espírito e de corpo pelo desassocego de cada hora, encarando a sorrir com a fome, com a peste, com toda a casta de privações em que se debatem! E quando o exército miguelista investe com a cidade, por vários pontos e simultaneamente, é a cantar, é a rir que eles correm em defesa daquela linda cidade que acolheu e defende com entusiasmo o mesmo ideal! No Porto há fome, frio, heroicidade e sacrifícios; em Lisboa... há terror, indiferença! Abençoe-mos, ao menos, as mãos das mulheres bondosas, que, trabalhando para os feridos, assim mostram não esquecer entre os seus confortos e bem-estar os que lá longe combatem, e... morrem!

CLARA — (*Limpando os olhos e indo a correr dar um beijo a José*). Parecias um pregador! (*Volta ao seu lugar*).

MADALENA — Não me entendeu, José! Eu admiro e tenho pena dessa gente, mas acima de tudo está o medo de que prendam o Fernando. Tenho medo!

CÓNEGO — Também eu! (*Emendando*). Quero dizer: Deve respeitar-se o regime vigente!...

CLARA — Também o primo Rafael tem medo e não está aflito como a Madalena. (*Maria Helena ri*).

RAFAEL — Ora, essa!

ANTÓNIO — Para o medo há um remédio.

CLARA — (*Vivamente*). Um cão!

ANTÓNIO — A fé! Num homem a coragem nobilita e

o medo humilha. (*Oferecendo-lhe o braço*). Vamos ambos cuidar dos feridos, minha senhora. (*Madalena sorri, dá-lhe o braço e ambos se sentam à mesa ficando de costas para o público*).

CLARA — (*Pausa*). Há duas coisas de que eu gosto a valer — um homem que fale muito e uma mulher que fale pouco.

ANTÓNIO — É tão raro!

CLARA — Que pena nós as mulheres sermos tão faladoras e dizermos tantas asneiras!

JOSÉ — É por isso que fala tão pouco?

MARIA HELENA — (*Levantando-se*). Eu também sou faladora.

JOSÉ — Não para mim, que raras vezes a oiço.

MARIA HELENA — Egoísta! (*Encaminha-se com José para a E.*).

JOSÉ — E sou! (*Sentam-se no sofá*).

MARGARIDA — Já está cansada a Maria Helena!

CLARA — (*Disfarçadamente*). Cala-te. Não sejas indiscreta...

RAFAEL — Indiscreta, porquê?

MARGARIDA — (*Maliciosa*). Ainda não percebeu?

RAFAEL — Alguma crise nervosa? (*Levanta-se*). Eu vou...

CLARA — (*Impedindo-o de andar*). Sente-se. O sr. meu primo não sabe o que é o amor? (*Cónego ri muito e esfrega as mãos olhando para Maria Helena e José*). É uma pessoa casar, ter filhos para não ser uma criança. (*Olhando para Madalena*). Gostar muito do seu marido, mas não deixar de fazer fios para os feridos por causa dele! (*Riem*).

JOSÉ — Está triste, Maria Helena?

MARIA HELENA — Muito!

JOSÉ — Porquê?